



GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos – Trabalho 939

## TOPIAS, UTOPIAS E PROJEÇÕES DE FUTURO DE JOVENS PARTICIPANTES DE COLETIVOS SOCIAIS

Maurício Perondi – Observatório Juventudes PUCRS

### Resumo

O presente trabalho discute a participação de jovens em quatro coletivos, das áreas ecológica, educação popular, étnico-racial e violência. Procura abordar como o envolvimento dos jovens nestes coletivos produz sentidos para as suas vidas. A pesquisa teve cunho qualitativo e envolveu os próprios participantes, motivando-os a narrarem suas experiências de participação. Os referenciais teóricos tiveram como suporte os autores: Alberto Melucci, Carles Feixa, Dina Krauskopf, José Machado Pais, Juarez Dayrell, Marília Pontes Sposito, Maritza Urteaga, Regina Novaes. Os resultados apontam que mesmo ante um cenário social difícil para as realidades juvenis, os sujeitos jovens tendem a alimentar utopias a partir de topias concretas, não deixando de acreditar nos seus ideais. Os jovens também destacam que o futuro é incerto e por isso pensam as suas perspectivas a partir do presente onde estão inseridos e que confere sentido aos seus anseios. Destacam ainda que a participação nos coletivos onde atuam faz com tenham opções que dificilmente teriam acesso caso a mesma não ocorresse.

**Palavras-chave:** Utopias. Topias. Futuro. Juventudes. Coletivos. Participação Social

### Introdução

Em tempos cada vez mais difíceis do ponto de vista de construções democráticas e de produção de cidadania não é tarefa simples falar de utopias, sonhos ideias, sobretudo para as gerações mais jovens. Isso porque estas tem sido as mais afetadas pelas mudanças societárias em curso, como comprovam os índices de violência, o desemprego juvenil e a falta de políticas públicas destinadas a este público específico.

Ainda assim, os jovens buscam formas de articulação e de participação social através de coletivos e grupos que produzam sentido para as suas vidas. Em vista disso, o propósito deste texto é compreender como os jovens formulam e pensam as suas vidas em perspectivas de futuro, diante de cenários complexos e incertos.

Os dados presentes no texto fazem parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação, realizada com quatro coletivos juvenis de diferentes ênfases temáticas (ecológica, educação popular, diferenças étnico-raciais e violência/direitos humanos), da

região metropolitana de Porto Alegre. Na área ecológica foi escolhido o Instituto Ingá; na área da educação popular foi escolhido o cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares; na área da valorização das diferenças étnico-raciais, optou-se pelo Instituto Cultural Afro-Sul/Odomodê e na área da violência/direitos humanos decidiu-se pela Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, das Pastorais da Juventude do Brasil.

A pesquisa teve cunho qualitativo e contou as narrativas de experiências de participação social dos jovens em seus coletivos de origem. Buscou-se compreender quais foram os significados produzidos pelos sujeitos a partir da experiência vivenciada nestes grupos.

Neste texto serão abordados três aspectos a partir dos resultados refletidos pela pesquisa. O primeiro diz respeito às topias e utopias vivenciadas pelos jovens a partir dos grupos. O segundo destaca quais são as convicções e certezas que eles construíram a partir de um cenário social cada vez mais incerto e imprevisível. E, por fim, o terceiro aponta como seriam as suas vidas caso não tivessem tido a oportunidade de participar do coletivo do qual fazem parte.

### **Topias e utopias juvenis**

O primeiro aspecto a ser discutido é o das topias e das utopias juvenis<sup>1</sup>, apontando para sentidos construídos a partir de suas experiências nos grupos, que expressam um duplo significado: topias, para referir a ideais e projetos concretos em que os jovens se envolvem ou pretendem se engajar; utopias, para ideais mais amplos e horizontes que vislumbram como possibilidades.

A ideia da utopia foi cunhada pelo filósofo Tomás Morus em sua clássica obra “A Utopia”, em que descreve um Estado imaginário, sem propriedade privada nem dinheiro, preocupado com a felicidade coletiva e a organização da produção. Sua obra inspirou outros clássicos do gênero, tais como “A Nova Atlântida”, de Francis Bacon e “A Cidade do Sol”, de Tommaso de Campanella, seguidos dos escritos socialistas do século XIX até chegar aos ideais do Fórum Social Mundial através do slogan “Um outro mundo é

---

<sup>1</sup> A expressão utopia foi extraída dos próprios relatos dos jovens. A expressão topia foi adotada a partir da inspiração na obra “#Generaciónindignada. Topias y utopias del 15-M” (FEIXA e NOFRE, 2013).

possível”. Tais inspirações históricas ainda contribuem para atribuir significados aos projetos de futuro dos jovens, como constatou-se nas narrativas da pesquisa.

O binômio topias e utopias pode ser relacionado à distinção que Luhmann (1976) realiza entre dois aspectos: os “esquemas tecnológicos” (presentes futuros) e os “esquemas utópicos” (futuros presentes). Os primeiros designam futuros que se transformam em presente de modo antecipados e, portanto, podem ser associados ao conceito de topias. Já os segundos reportam um cenário que não se pode começar e que a cada tentativa de aproximação se distancia, e, portanto pode ser relacionado com o conceito de utopia.

Um dos pontos enfatizados pelos jovens pode ser designado como: “topias: concretizar ideais”. Nele são destacados os desejos de colocar em prática ideais que os jovens manifestam e como estes contribuem para atribuir sentidos à sua participação.

Em relação ao tema, um dos jovens assim afirma:

A minha participação eu, particularmente, vejo como plantar sementes de ideias, principalmente aqui dentro de Viamão, que as pessoas possam participar de um projeto como este aqui e tenham uma visão diferente do que é apresentado em relação ao ensino, do ensino superior ou até mesmo do fracasso. Porque assim, às vezes, é passado que o cara que não passa no vestibular é um fracassado, um idiota, um burro, não sei o que e se desconsidera todo o contexto que a pessoa vive. Na verdade eu não vejo dessa forma, pois cada um que passa no vestibular consegue vencer várias barreiras, que não são explícitas, mas que impossibilitam o acesso. O que eu espero aqui dentro do município é que mais pessoas tenham contato com estes questionamentos e, se possível, consigam acessar o ensino superior. (Marcio, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Em seu relato, o jovem destaca um ideal concreto, que é a possibilidade que um número de jovens de baixa renda consiga acessar a universidade, vencendo as barreiras sociais que lhes são impostas. Seu desejo tem uma topia concreta, que é a cidade de Viamão<sup>2</sup>, onde o cursinho está situado e de onde provém a maior parte dos alunos. Baseado em sua própria experiência, como ex-aluno do cursinho, sua utopia é de que mais pessoas possam acessar o ensino superior, que no Brasil só tem 7,9% de sua população diplomada (IBGE, 2012). Em suas palavras, isso atribui sentido para sua participação no grupo Zumbi dos Palmares.

Ao falar de sua experiência no mesmo coletivo, a jovem Nicole aponta que:

Os meus objetivos aqui é continuar refletindo e participando pra melhorar a educação ou pra tentar melhorar um pouquinho. Então, a partir daqui, o Zumbi me dá perspectiva de continuar

---

<sup>2</sup> Cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre.

pensando, refletindo, discutindo pra contribuir com a educação, de melhorar esses espaços educacionais não formais. (Nicole, Cursinho Pré Vestibular Zumbi dos Palmares).

Em sua narrativa, a jovem destaca que sua topia são os espaços educativos não-formais, fazendo referência a uma diferenciação do cursinho com a educação formal escolarizada. Este é o local concreto que motiva a continuar participando e contribuindo, o que sugere um demarcador para sua trajetória, tanto passada e presente, como também de futuro, visto que ela fala de continuidade.

Percebe-se nos dois últimos relatos que a topia balizadora das experiências dos jovens participantes do Zumbi é a área educacional, que se constitui no campo específico de atuação do grupo.

A jovem Paloma, ao falar de sua trajetória em outro coletivo, afirma:

Tem um exemplo bem específico, que é bem atual, que é interessante de citar, que seria uma coisa que se eu não estivesse no InGá, não teria acontecido. O InGá participa, uma vez por mês da “Feirinha Agroecológica”, nos sábados. Nesta função de ir na feirinha nos sábados eu me aproximei do pessoal do Sítio Pé na Terra. É uma coisa que é muito legal, não tanto por estar ali vendendo, mas por estar ali participando de uma iniciativa agroecológica, que não usa conservantes, agrotóxicos e tal. Como eu tenho o objetivo de ter, futuramente, os meus hectares para plantar coisas naturais, então é um começo; eu to ali aprendendo, sabendo como é que funciona, o que é que dá e o que não dá, com exemplos super práticos, super naturais. (Paloma, Instituto InGá).

Na narrativa da jovem, a topia que ela refere é a Feira Agroecológica, em que participa juntamente com seu grupo. Nesta experiência destaca que aprende vários aspectos sobre o plantio agroecológico que ela pretende fazer numa propriedade futura que ainda está no seu horizonte utópico. É possível perceber no início do relato que ela considera que a participação no InGá é que lhe fez estar neste lugar e com estes horizontes de possibilidades. Portanto, pode-se inferir que tal experiência e expectativa conferem um sentido balizador para a sua direção de vida.

Uma terceira participante, ao falar de sua experiência, destaca:

Depois de alguns conflitos no grupo eu quase desisti, mas daí eu disse “eu tenho uma missão aqui, já passei dessa fase, já cresci né, passei da descoordenada pra professora e agora tenho uma coisa muito mais ampla a seguir e transferir assim, através da dança a cultura afro”. (Talita, Grupo Afro Sul/Odomodê).

A jovem relata conflitos pelos quais passou no grupo, que quase fizeram com que desistisse de participar. No entanto, ao rememorar sua trajetória, enfatiza que passou da

situação de uma jovem iniciante, sem coordenação, até a atual situação de estar sendo uma das professoras do grupo. Em seu modo de expressar destaca que tem uma “missão” no grupo que é de trabalhar a cultura afro através da dança. Ao manifestar esta consciência ela projeta um compromisso concreto de futuro para com o grupo, o que supõe que o mesmo constitui-se como um demarcador na sua experiência grupal.

Outro jovem assim expressa:

Para mim, participar desta campanha faz parte do projeto de vida que a gente escolhe, que a gente assume o compromisso enquanto pastoral e aí é um momento muito simbólico, muito sério que é o resultado do Anel de Tucum que a gente usa. A gente aceita defender a vida, este é o sim que a gente dá, também causa um comprometimento de aceitar as consequências que isso traz. Muitas vezes, ir de contramão ao sistema, ir de contramão a vários valores, impostos pela sociedade. (Ulisses, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Em seu relato, o jovem enfatiza que o compromisso concreto que ele assumiu com a campanha integra seu projeto de vida e faz parte de um aspecto simbólico que ele utiliza, que é o Anel de Tucum<sup>3</sup>. Em suas palavras, tais opções implicam, muitas vezes, assumir determinados valores que são contraditórios com aqueles “impostos pela sociedade”.

Expressões usadas pelo jovem como projeto de vida, Anel de Tucum e valores contraditórios, podem ser compreendidas a partir do contexto semântico, construído de acordo com a sua participação no grupo da pastoral, cujas expressões são muito peculiares.

Após várias referências sobre as topias, como propostas ou espaços concretos de atuação em que os jovens vislumbram seus projetos de futuro e continuidade de engajamento no seu grupo, também foi possível identificar em suas narrativas, expressões que falam de suas utopias.

Ao falar de utopia, um dos participantes destaca que:

O que une as pessoas no InGá é um tipo de utopia, é a força que brilha no coração das pessoas, elas se conectam por uma vontade de transformar, uma vontade de mudar a sociedade, de dar respostas à sociedade, à cidade, essa coisa toda. (Miguel, Instituto InGá).

---

<sup>3</sup> O Anel de Tucum é um anel preto, feito da semente de uma palmeira nativa da Amazônia. Originalmente foi utilizado com símbolo de aliança matrimonial, pelos escravos. A partir dos anos 1980 passou a ser utilizado por militantes católicos que assumiam um compromisso preferencial com os pobres. Atualmente, seu uso é difundido entre vários grupos, não apenas entre os católicos. No entanto mantém a ideia do compromisso com as causas populares e de luta contra a opressão. Fonte: <http://pjpira.wordpress.com/2009/10/13/anel-de-tucum/>. Acesso em 03/12/12.

A inspiração de inúmeras gerações, também se manifesta na narrativa do jovem Miguel, quando refere uma utopia que tem grande significado para ele e para o seu coletivo. Enfatiza que a mesma mobiliza para uma vontade transformadora de sua cidade e da sociedade em geral, através de respostas que possam ser formuladas a estes âmbitos.

Sposito (2000) ao refletir sobre o tema da utopia destaca:

Mesmo que de forma fragmentada, fluida e instável, na ação voluntária protagonizada pela juventude há uma espécie de antecipação da utopia, anunciando *hoje*, e de forma profética, uma outra possibilidade da vida em conjunto. Essa motivação que emerge nas sociedades complexas e que encontra nos segmentos juvenis uma disponibilidade, mesmo que difusa, conteria elementos antagonistas porque desafiaria o poder, ao inverter a lógica dominante instrumental, construindo alternativas de sentido. (SPOSITO, 2000, p. 88). [*grifos do original*].

A autora enfatiza que o envolvimento dos jovens em projetos concretos possibilita o que ela designa como uma espécie de antecipação da utopia, movida pelo desejo de outras possibilidades de vida nas sociedades complexas, ainda que assuma uma condição difusa. De modo análogo, percebe-se nos relatos dos jovens da pesquisa que a participação nos grupos contribui para o vislumbre de topias e de utopias que integram seus projetos de futuro<sup>4</sup>.

A conotação profética destacada por Sposito (2000) aparece mais claramente nas narrativas de dois jovens do grupo da pastoral:

Acredito que um dos pilares principais pra fazer com que a gente continue a ir em frente, acho que a primeira coisa é que a gente acredita na proposta do reino, reino de vida, reino de amor, reino de justiça, reino de paz. Então, a primeira causa é o reino e a segunda coisa que motiva a gente a continuar nesta caminhada, a continuar levando em frente a Campanha, acho que é porque a gente quer ser testemunha deste reino. A gente quer testemunhar que a vida, ela continua, a vida é um dom precioso e com isso a gente vai até as últimas consequências, não só pra defender ela, mas pra denunciar tudo aquilo que está contra ela. (Giovani, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

O nosso desejo é a vida de todas as pessoas e falando da nossa realidade, o nosso desejo é a vida da juventude, que sofre vários tipos de violência, e que a gente possa combater de fato os males que assolam a vida da juventude. Eu costumo sempre dizer que somos um pequeno grão de areia

---

<sup>4</sup> Para aprofundar mais sobre projetos de futuro e projetos de vida sugere-se consultar as seguintes obras: PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. Cap. VI; POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil; In: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade**: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

que faz parte de uma grande construção. Acho que todos juntos podemos fazer a diferença onde cada um pode fazer um pouquinho. A gente não se coloca nem acima nem abaixo dos outros, mas somos iguais, com um mesmo sonho de construir uma civilização diferente, uma civilização do amor. (Ulisses, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

O primeiro relato se vale de expressões próprias do ideário e da discursividade da pastoral, que identifica o seu coletivo, tais como “reino”, “testemunha”, “denuncia”. Para o jovem, sua atuação na defesa da vida da juventude, através da participação na Campanha, não é apenas uma atividade, mas está inserida num projeto maior, que ele chama de Reino, em que se pode observar um caráter utópico, que pode “levar até as últimas consequências”.

No segundo relato, o engajamento no coletivo expressa a contribuição à superação das violências que assolam a vida dos jovens, desejo maior do projeto. Reconhece os limites da atuação, e a compara, metaforicamente, com um grão de areia numa construção. Mesmo diante dos limites do projeto, persiste o sonho de construir uma civilização diferente, que no âmbito pastoral é chamada de civilização do amor<sup>5</sup>, notadamente de caráter utópico.

As narrativas dos jovens insistem no engajamento concreto em situações específicas dos projetos em que atuam, mas também é possível identificar em suas palavras que tais projetos não são apenas pontuais, pois almejam transformações sociais, de certo modo utópicas, que inspiram a participação e suas opções de vida. De modo próximo, pesquisas como a do IBASE (2006) mostram que, mesmo sem a escala utópica das décadas passadas, o envolvimento dos jovens em diversos coletivos sinaliza novas possibilidades de participação e, mesmo, de construções utópicas.

### **Convicções de um futuro incerto**

Maritza Urteaga (2011), em seu estudo acerca da juventude mexicana na década de 1980, destaca uma representação imaginária para os indivíduos jovens podia ser expressa pela ideia “não há futuro, faça-o você mesmo”, numa clara referência à falta de

---

<sup>5</sup> Civilização do amor é o ideal de sociedade almejado pelas Pastorais da Juventude do Brasil e da América Latina, que afirmam: “os jovens são enviados, como protagonistas na Igreja e sujeitos históricos no mundo, a construir a civilização do amor (...) Ser sujeitos históricos no mundo é assumir o projeto de cidadania, levando os jovens a participar em espaços e organizações sociais e estudantis, em **ações simples, concretas e possíveis**, sem perder de vista a **utopia**, a mudança maior, indo aos poucos construindo um **projeto alternativo** de sociedade. (CNBB, 1998, p. 140-141).

perspectivas de futuro para os mesmos. Na mesma direção, Caccia-Bava (2004) refere os problemas enfrentados pelo contingente juvenil em nível global, na primeira parte da década de 1980, levando a UNESCO a proclamar o ano de 1985 como o “Ano Internacional da Juventude”. Desde então, nas últimas décadas, com mudanças de ampla repercussão, a representação de falta de perspectivas de futuro para os jovens parece ter se acentuado em diversas dimensões sociais, tais como na esfera socioeconômica, principalmente pelas altas taxas de desemprego juvenil – “medo de sobrar” – e com os altos índices de mortalidade – “medo de morrer” – (NOVAES; VIDAL, 2005).

Contudo, cabe uma ressalva. A suposta crise em relação ao futuro não se constitui como um fenômeno estritamente juvenil, pois conforme afirma Anne Muxel (1997), os jovens são como espelhos retrovisores que refletem aspectos que são vivenciados de alguma maneira por toda a sociedade.

As questões centrais relativas ao futuro dos jovens também se fizeram presentes nas narrativas dos participantes desta investigação. Ao falarem sobre as “convicções de um futuro incerto” pode relacionar o tema com certa “presentificação do futuro”. Isso pode ser relacionado ao que Pais (2006, p. 10) chama de “desfuturização do futuro”, para designar a crescente dificuldade de aspirações de longo prazo, ocasionando maior articulação de projetos no presente.

Em relação a este aspecto, um dos jovens assim se expressa:

Eu não privilegio muito este tipo de reflexão assim sobre o futuro do pretérito: “se eu fosse”, “o que eu seria”... Pra mim, o futuro do pretérito é um tempo verbal inexistente; não sei como vai ser o futuro. Hoje eu to aqui, mas cada escolha, cada momento, determina toda uma quantidade de possibilidades. Eu quero chegar no que a gente ta fazendo, não existe um ponto... (Vínicius, Instituto InGá).

Seu relato é emblemático à compreensão de como os jovens concebem a dimensão do futuro em suas vidas. O jovem frisa que o futuro é algo tão incerto, que ele usa a referencial gramatical para afirmar que o tempo verbal do pretérito é inexistente. No entanto, ele não expressa isso com angústia, mas até com certa naturalidade, visto que destaca o ponto onde pretende chegar, aquele em que já se encontra, naquele grupo, fazendo as coisas que já faz. Sua afirmação sugere o sentido que a participação tem para ele, que é o de estar realizado com a sua inserção naquele coletivo.

Outro relato também aponta para a relação do jovem com o futuro:

Eu quero continuar com a minha participação, quero continuar participando, ajudando a mudar a vida das pessoas indiretamente, ou diretamente. Isso me motiva a estar aqui. Acho que não tem um lugar onde eu quero chegar, não tem um ápice, não tenho um lugar onde eu almejo. Eu quero continuar aqui. (Igor, Cursinho Pré Vestibular Zumbi dos Palmares).

O jovem afirma explicitamente que pretende continuar participando do grupo, contribuindo com outros jovens que buscam o Zumbi como forma de preparação para ingresso no ensino superior e que isso motiva a estar neste espaço. De acordo com a categoria deste tópico, sua afirmação remete a uma convicção de continuar participando e da importância de sua presença no grupo. No entanto, não manifesta grandes expectativas quanto ao futuro, ou aquilo que ele chama “um ápice onde quero chegar”. Seu relato sugere uma presentificação do futuro, ou seja, seu sentido de participação tem mais ênfase no momento presente.

A jovem Ágata, de outro coletivo, afirma na mesma perspectiva:

Com a minha participação na Campanha eu não tenho um lugar específico para chegar, porque o caminho que eu já to trilhando já tá nisso né. A própria profissão que eu escolhi, as escolhas que eu faço no meu dia a dia tem a ver com isso. (Ágata, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Em sua narrativa a jovem aponta uma satisfação diante de sua participação na Campanha e destaca as atividades que desenvolve, as escolhas que faz e inclusive, a profissão que escolheu, situações pautadas por sua inserção no grupo. No entanto, do mesmo modo que os jovens antes referidos, ela enfatiza que não tem um lugar específico onde queira chegar.

Os relatos dos jovens, com poucas perspectivas em relação ao futuro, não significam uma ausência de projetos ou perspectivas, pois afirmam que pretendem continuar participando do grupo e que estes são referências em seus itinerários e escolhas. No entanto, não fazem grandes projeções em relação à dimensão futura, parecendo tensioná-la, mantendo-a no presente, por isso cunhou-se a expressão “convicções de um futuro incerto” como título desta categoria, retratando a referência realizada pelos jovens.

Mesmo que os jovens encontrem dificuldades no estabelecimento de projetos de futuro, Kraukopf (2005, p. 174), baseada em pesquisas realizadas na América Latina, insiste que “os jovens em geral são mais otimistas que os adultos com relação ao percurso de vida”. Apesar das dificuldades que enfrentam, a autora aponta que “não é possível falar de ausência de futuro, pois os jovens desenvolvem aquilo que Bajoit (2003) chama

de *estratégias de gestão da incerteza*” (BAJOIT, 2003 *apud* KRAUSKOPF, 2005, p. 174).

A partir da reflexão da autora, pode-se compreender que os jovens dos coletivos aqui pesquisados apresentam otimismo em relação ao modo como percebem a participação nos grupos, enfatizando as contribuições que os mesmos tiveram para as experiências vividas e para a continuidade de suas vidas.

### **Sem o grupo, a vida seria diferente**

Ao final das entrevistas com os jovens, foi proposta a seguinte questão: “Você acha que sua vida seria diferente se não participasse deste grupo?”. A pergunta tinha como objetivo propiciar que os jovens discorressem acerca da dimensão que a participação no grupo de atuação teve para seus itinerários e que sentidos era possível abstrair das mesmas. As respostas dos jovens à questão, apontaram que todos referiram que de algum modo a vida seria diferente caso não participassem daquele coletivo.

A partir dessa questão, outra categoria designada no contexto do eixo do futuro foi “a vida seria diferente”, que desdobrou-se em dois temas: diferenças pessoais e diferenças de engajamento. Em relação ao primeiro, uma das participantes assim comentou:

Se eu não participasse deste grupo a minha vida seria mais chata. Não posso dizer como, mas seria mais vazia, talvez, porque o grupo tem um lugar dentro de mim; eu não consigo imaginar como seria sem [o grupo]. Saber que aos sábados eu tenho um encontro, que eu vou dançar, que eu vou rir muito. Não consigo me imaginar hoje sem isso. Preciso disso. (Letícia, Grupo Afro Sul/Odomodê).

Em seu relato a jovem destaca que caso não participasse, sua vida seria mais “chata, vazia”, que é preenchida e animada pelas atividades proporcionadas pelo grupo. Aos sábados, por exemplo, ela tem ensaios, momentos especiais porque é quando ela dança e se diverte. Esta sua oportunidade de participação num espaço coletivo aponta para uma realidade que não é vivenciada pela maioria dos jovens brasileiros, que afirmam que sua principal atividade de ocupação nos finais de semana é encontrar os amigos, ou assistir televisão e ouvir rádio (BRANCO; ABRAMO, 2005). Neste caso, o coletivo representa um marco em seu itinerário e na sua perspectiva de futuro, uma vez que ela mesma enfatiza que “precisa do grupo”.

Outro jovem assim destaca a diferença que ele percebe que haveria em sua vida:

Se eu não participasse do grupo com certeza seria muito diferente a minha vida. Teria uma vida chata, que nem a vida dessa vida urbana; seria um guri de apartamento, que tem televisão, vídeo-game... (Miguel, Instituto InGá).

Sua manifestação contempla uma contraposição entre estilos de vida, em que, de um lado ele situa “essa vida urbana”, caracterizada pelo fechamento no apartamento, com suas principais atenções voltadas ao vídeo-game e à televisão. Apesar de não referir explicitamente, o outro estilo de vida que ele sugere é o da experiência em que ele se encontra e que trouxe mudanças em sua vida, pois participa de retiros ecológicos, tem contato com movimentos sociais, mora num casarão junto a outros jovens, etc. Ao se referir à vida urbana, ele não está falando de área ou de geografia, pois ele também vive na zona urbana, inclusive na região central da cidade (no Casarão do Arvoredo do Instituto InGá), mas, sim ao estilo de vida urbano.

O sentido de sua participação sugere uma diferenciação entre a vida de muitos jovens de seu tempo que mantém sociabilidades muito restritas, permanecendo mais tempo em seus espaços domésticos, configurando novas formas de relacionar-se ou até a ausência de relações com seus pares. Ao tratar do tema, Feixa (2005, p. 1) publicou “O quarto dos adolescentes”, um artigo em que analisa as mudanças ocorridas nos espaços familiares privados, destacando novas configurações das relações familiares, especialmente geracionais. Segundo o autor, o quarto dos adolescentes constitui-se “num reduto e laboratório de uma microcultura emergente, que além do espaço público, encontra seu emblema nos contatos reais e virtuais que realiza desde esse lugar”. Tal fenômeno, possivelmente, apresente maior incidência entre as classes médias e altas.

O jovem Miguel manifesta certo rechaço a este estilo de vida e sugere que, caso não tivesse a oportunidade de participar do InGá, possivelmente também seria um “jovem de apartamento”. Seu depoimento aponta o quanto a experiência no grupo fez diferença em seus itinerários e seus projetos de futuro.

Na mesma direção, ao comentar sobre o significado de sua inserção no Afro Sul/Odomodê, a jovem Talita afirma:

Se eu não participasse do grupo, com certeza minha vida seria diferente; não sei como, mas por eu ter uma personalidade muito forte, eu fui bastante rebelde assim na minha adolescência. Eu não sei o que eu poderia estar fazendo, por influências que eu tenho hoje na vida, embora eu tenha vários tipos de amigos, vários grupos, não sei se eu não seria mais influenciável que eles e iria fazer alguma outra coisa da vida, que não é legal hoje. Acho que por este lado, assim, a minha vida poderia ser diferente, poderia não ser uma pessoal amável assim como eu sou, porque vejo

que eu to sempre sorrindo, to sempre com autoestima. Acho que eu seria um pouco diferente, mais mal-humorada (risos), sem querer conversar muito, que era bem a característica que eu tinha antes, não pela minha família, ninguém da minha família é assim, mas eu acho que eu seria diferente, a ovelha negra, a gente até diz ‘a ovelha negra’, acho que eu seria a ovelha negra. (Talita, Grupo Afro Sul/Odomodê).

Em sua narrativa, a jovem é contundente em afirmar que sua vida seria diferente caso não estivesse participando do grupo Afro Sul/Odomodê. Se vale de diferentes argumentos: foi rebelde em sua adolescência, teve contato com vários grupos e pessoas, e caso não tivesse a experiência que adquiriu no grupo, poderia ter sido influenciada a estar fazendo algo que não é legal. Para ela, então, a participação no grupo contribuiu para que tornasse uma pessoa amável e, em suas palavras, com autoestima.

Seu depoimento emblemático para pensar como o grupo pode ser definidor da experiência dos jovens, pois no seu caso, a jovem frisa que poderia ter sido a “ovelha negra” da família, caso não tivesse tido a oportunidade de fazer parte daquele grupo.

Outro jovem, descreve da seguinte forma como seria a sua vida, caso não participasse do Zumbi:

A minha vida seria diferente, até pela visão de mundo que eu consegui adquirir nestes anos que eu to participando aqui e pela visão de mundo que eu tinha antes. Por que era mais um lance de rebeldia sem causa, tipo “não gosto disso aqui, porque não gosto” ou “não curto porque não fecho com esta ideia”. Aí desde que eu comecei a participar, nestes anos todos, eu fui moldando mais as convicções, embasando também melhor, ou vendo que algumas coisas não são como parecem, principalmente nesta questão de movimento social, de mudanças pra população, pras pessoas, para a sociedade de modo geral. Se eu não participasse do Zumbi acho que eu seria “mais um aí”, uma pessoa convencional, nessa “vida de gado”, indo para o meu trabalho e voltando para minha casa, sem procurar contribuir muito com os outros seres humanos. (Márcio, Cursinho Pre-Vestibular Zumbi dos Palmares). [*grifos do autor*].

O jovem Márcio destaca que houve mudanças em sua visão de mundo e de si mesmo. É categórico: sua vida seria diferente caso ele não tivesse participando do grupo, após anos de inserção. Se vale da expressão “rebelde sem causa” para dizer que o engajamento no grupo lhe propiciou uma visão de mundo diferente. Ele também estabelece que o grupo se apresenta como um marco em sua vida, pois, se não estivesse neste coletivo, acha que seria “uma pessoa convencional”, levaria a vida sem uma preocupação maior com as outras pessoas.

As mudanças que ele percebe em si podem ser relacionadas com a afirmação de Urteaga (2011, p. 46) de que “o desenvolvimento das interações entre os grupos modifica as representações que os membros têm de si mesmos, de seu grupo, dos outros grupos e

de seus membros” (tradução nossa). Isso é perceptível no relato do jovem, pois percebe-se a mudança de representação que ele faz de si e da própria sociedade a partir de sua participação no cursinho.

O segundo tema neste âmbito pode ser designado como “diferenças de engajamento”, uma vez que os jovens expressam situações de atuação que, segundo suas afirmações, seriam diferentes, caso não tivessem participado de grupos. Ao relatar sua experiência, um dos jovens assim expressa:

Se eu não participasse do Zumbi a minha vida seria totalmente diferente. Talvez eu não estivesse no ensino superior, talvez não, eu acredito que não estaria no Ensino Superior. Ia estar trabalhando, ia ser um cara que não teria um pensamento crítico, não ia estar na luta, ia ser individualista. Teria uma outra visão de mundo, “não estaria nem aí” pra minha volta, pra sociedade, pro universo onde eu vivo, estaria só querendo tocar a minha vida e era isso. Não teria nada pra almejar, um futuro melhor. (Igor, Cursinho Pre-Vestibular Zumbi dos Palmares). [*grifos do autor*].

Igor demonstra convicção: sua vida seria muito diferente se ele não participasse do Zumbi. Destaca que não acredita que estivesse no Ensino Superior, fato marcante em sua trajetória, e abordado no capítulo quatro. Com o intuito de reforçar seu argumento, considera que estaria imerso no mundo do trabalho, sem um pensamento crítico, vivendo sua vida de maneira individualista, sem se preocupar com os demais em sua volta, se não tivesse a oportunidade de estar no grupo. Ao final, enfatiza aquilo que pensa ter sido o mais significativo em sua participação: a possibilidade de almejar um futuro melhor.

A associação entre participação no presente e projeção de um futuro pode ser compreendida a partir da referência de Pais (2003), quando o autor afirma:

Os projetos de futuro (ou a ausência deles) têm muito a ver com as práticas cotidianas em que os jovens se envolvem, com os múltiplos contextos de socialização a que se encontram sujeitos. Embora as suas trajetórias e práticas cotidianas se encontrem sujeitas a determinações de natureza societal, encontram-se também subordinadas às lógicas dos microsistemas de interação e de relações constitutivas das unidades de vida de que fazem parte. (p. 236).

Seu apontamento sublinha que os grupos são microsistemas repletos de interações entre pares que contribuem para as práticas cotidianas de socialização dos jovens e para as definições que fazem em vista de seus projetos de futuro. No caso do jovem Igor, a participação no Zumbi, que é seu contexto de socialização, a experiência no grupo lhe possibilitou afirmar que, na atualidade, ele tem projetos de futuro e de

engajamento em benefício de outras pessoas, que ele não vislumbrava antes e que também acredita que não teria, caso não tivesse ingressado no grupo. Essa relação é possível, pois “a ação coletiva não é mais separável das demandas e necessidades individuais”, conforme afirma Melucci (2001, p. 99).

Seguindo o mesmo sentido, outro jovem relata sua experiência:

Se eu não participasse desse grupo isso refletiria diretamente no meu trabalho, porque hoje em dia eu trabalho diretamente com educação ambiental. Tem as questões das amizades também, não tem como medir, quanto seria diferente, mas eu fiz amizades aí e as amizades influenciam a gente, constroem a gente. As amizades, as relações, várias semanas, vários fins de semana que a gente passou junto, isso aí tudo vai transformando, não tem como medir o quanto seria diferente, mas eu posso dizer que seria diferente. (Fabrício, Instituto InGá).

Para o jovem Fabrício, a participação no grupo fez com que sua vida fosse diferente, em especial porque concerne ao trabalho que desenvolve, que é o engajamento na educação ambiental. Outro aspecto que ele cita, afirmando que fez a diferença em seus itinerários pessoais, são as relações de amizade estabelecidas com os membros do grupo, que auxiliam na formação de sua identidade, que é possível perceber quando ele afirma que elas “constroem a gente”. Tal afirmação aponta como o significado emocional comporta um espaço importante nos coletivos, pois “a solidariedade do grupo não está separada da busca pessoal e das necessidades afetivas e comunicacionais dos membros, na sua existência cotidiana” (MELUCCI, 2001, p. 97). Essa importância pode ser compreendida a partir da expressão “não tem como medir”, em que o jovem aponta o quão incomensurável ou quão intangível é a sua experiência no grupo, ao ponto da mesma não poder ser submetida a números.

### **Considerações finais**

Ao longo do texto foram destacadas experiências dos jovens em que estes apontaram como a participação em diferentes coletivos contribuiu para estabelecer sentidos e direções de futuro. Os relatos dos sujeitos da pesquisa afirmam que os jovens têm intenção de continuar no grupo ou na área de atuação do mesmo. Mesmo quando não apontam explicitamente um desejo de continuidade, demonstram uma postura positiva com relação ao futuro, mesmo que, em muitos casos, não exista clareza daquilo que os espera e o que está por vir.

Tais aspectos dizem da implicação dos jovens em coletivos de atuação social, configurados a partir de características do momento presente, que incidem nos modos como eles se inserem em projetos concretos e como estes marcam suas trajetórias de participação. Esta constatação leva-nos a concordar com Urteaga (2011, p. 408) quando afirma que “os relatos contemporâneos sobre o *construir-se como ser social* enfatizam que os jovens estão ativamente comprometidos na construção e determinação de suas próprias vidas, na vida daqueles que os rodeiam e das sociedades em que vivem”. [*grifo do original*], [*tradução nossa*]. De acordo com a autora, a construção de si como seres sociais, realizada pelos jovens, está situada na compreensão dos mesmos enquanto “culturas juvenis”, que não apenas assimilam valores e ideias das culturas hegemônicas e parentais, mas também produzem sua própria cultura.

Enfim, pode-se apontar que a participação dos jovens em coletivos que tem alguma forma de atuação social contribui para a articulação de sentidos para sua dimensão profissional, nas suas projeções de futuro, no estabelecimento de relações emocionais significativas e para os ideais coletivos e pessoais que vislumbram.

## Referências

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- CACCIA-BAVA, Augusto; COSTA, Dora I. P. O lugar dos jovens na história brasileira. In. CACCIA-BAVA, Augusto *et al.* **Jovens na América Latina**. São Paulo, Escrituras Editora, 2004. p. 63-114.
- FEIXA, Carles, NOFRE, J. (orgs). **#la generación indignada: topías y utopías del 15-M**. Lleida: Ed. Milenium, 2013.
- FEIXA, Carles. **La habitación de los adolescentes**. Papeles del CEIC, nº 16, CEIC (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), Universidad del País Vasco, 2005.
- LUHMANN, Niklas. **The future cannot begin: temporal structures in modern society**. Social Research. New York: 43:1, 1976.
- IBASE/POLIS. **Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Relatório Global. Rio de Janeiro: IBASE/POLIS, 2006.

KRAUSKOPF, Dina. Juventudes na América Latina e no Caribe: dimensões sociais, subjetividades e estratégias de vida. In: THOMPSON, Andrés A. **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo: Peirópolis, 2005, p. 166-169.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas**. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MUXEL, Anne. Jovens dos anos 90: à procura de uma política sem “rótulos”. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Editora Autores Associados, n. 5 e 6, maio/ago. e set./dez., p. 151-166, 1997.

NOVAES, Regina; VIDAL, Cristina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, Andrés A. (org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo, Peirópolis, 2005.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPED, n. 13, 2000.

URTEAGA, Maritza. **La construcción juvenil de la realidad: jóvenes mexicanos contemporâneos**. México D.F. Casa Abierta al Tiempo; Juan Pablos Editor, 2011.